
ANÁLISE DAS FICHAS DO SERVIÇO DE ORTOFRENIA E HIGIENE MENTAL DO RIO DE JANEIRO (ARTHUR RAMOS, 1934-1939): CONTRIBUIÇÕES À HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

ANALYSIS OF RECORDS OF ORTHOPHRENOLOGY AND MENTAL HYGIENE SECTOR OF RIO DE JANEIRO (ARTHUR RAMOS, 1934-1939): CONTRIBUTIONS TO HISTORY OF PSYCHOLOGY

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2015.2.21906>

Jefferson Mercadante
Doutorando – Universidade Federal de São Carlos
E-mail: jeff_mercadante@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho pretende identificar, a partir de uma análise crítica das fichas individuais das crianças atendidas pelo Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental no Rio de Janeiro entre os anos de 1934 e 1939, os traços eugenistas inerentes à atuação de Arthur Ramos à frente da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental. Desse modo, destacamos o modo através do qual o médico alagoano descaracterizou as ideias da psicanálise freudiana para servirem de aporte às propostas higienistas do período varguista. Concluimos que as concepções e reflexões de Arthur Ramos, mesmo que não tenham compartilhado do ideário eugênico da teoria racial determinista, se mostrando mais preocupadas com a valorização do homem por meio da cultura e da saúde do espírito, estão inseridas em um discurso que buscou neutralizar as causas econômicas e políticas da desigualdade social na medida em que se predomina na fala do autor a prevenção e a correção por meio da educação e da higiene mental. Nesse sentido, ainda que sua obra pareça mais preocupada com a dimensão social dos problemas psíquicos, encontra-se eivada da mesma ideologia que acreditava ser possível construir uma nação nova a partir da atuação do controle médico sobre os fatores degenerativos e desagregadores da sociedade.

Palavras-chave: Psicanálise. Higiene Mental. Arthur Ramos.

ABSTRACT: This study aims to identify, from a critical analysis of individual records of children seen by Orthophrenology Service and Mental Hygiene at Rio de Janeiro between the years 1934 and 1939, eugenicists traits inherent to the work of Arthur Ramos ahead of the Section of Orthophrenology and Mental Hygiene. Thus, we emphasize in their content and the ideas of Freudian psychoanalysis were disfigured to serve as input to hygienists proposals Vargas period by the doctor from Alagoas. We conclude that the conceptions and thoughts Arthur Ramos, even though they have shared the eugenic ideas of deterministic racial theory, being more concerned with the appreciation of the man through culture and the health of the spirit, are embedded in a speech that sought neutralize the economic and political causes of social inequality to the extent that predominates in speech of the author prevention and correction through education and mental hygiene. In this sense, although his work seems more concerned with the social dimension of mental health problems, is fraught with the same ideology that believed it possible to build a new nation from the performance of the medical control over the degenerative and disruptive factors of society.

Keywords: Psychoanalysis. Mental Hygiene. Arthur Ramos.

A história da psiquiatria, psicanálise, psicologia, medicina legal, educação infantil, pedagogia, não pode ser escrita em nosso país sem a leitura dos

documentos escritos, recebidos e lidos por Arthur Ramos. Sua produção e seus referenciais teóricos são sempre, essenciais à compreensão do desenvolvimento dessas ciências entre nós (...).(FAILLACE, 2004, pág. 10-11)

Arthur Ramos foi um médico higienista brasileiro, de grande projeção entre os anos 1920 e 1950, considerado um dos precursores da psicanálise no Brasil. Sua produção intelectual inclui mais de dez importantes livros publicados entre 1926 e 1946, a partir dos quais se revelou um dos grandes nomes do movimento de higiene mental no Brasil.

Nascido na cidade de Pilar, no estado de Alagoas, em 7 de julho de 1903, Ramos ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1921 e concluiu seu curso em 1926, obtendo o título de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas ao defender sua tese de doutorado intitulada “Primitivo e Loucura” (1926), publicada no mesmo ano pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia (CAMPOS, 2007). Em 1928 foi nomeado médico-legista do Serviço Médico do Estado da Bahia, atual Instituto Nina Rodrigues, em Salvador. Nesse período, Arthur Ramos passou a frequentar a Escola Baiana de Medicina Legal, comandada por Nina Rodrigues.

Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) dedicou-se metodicamente à demonstração da tese da inferioridade racial do negro e do mestiço, abraçando as teses do darwinismo social para buscar provar que ao negro e seus descendentes não cabia outro destino que não o que sempre tivera. A partir da relação que se configura entre Arthur Ramos e Nina Rodrigues, estudiosos do pensamento eugênico brasileiro, como Dávila (2006) e Patto (1990), têm indicado a existência de pontos de contato entre as teorias racistas e o pensamento de Ramos.

Partindo dessa premissa, o presente trabalho pretende identificar os traços eugenistas inerentes à atuação de Arthur Ramos à frente da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM) instalada na década de 1930, no Rio de Janeiro. Ramos se fixou no Rio de Janeiro, a partir de 1934, onde, a pedido de Anísio Teixeira, então diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, passou a dirigir a SOHM do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal. Esta Seção implicava no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental que se caracterizou pela aplicação de conhecimentos relativos à psicanálise de crianças e à higiene mental escolar.

Arthur Ramos figura como um dos precursores da psicanálise no Brasil, atuando juntamente com o movimento da Escola Nova. Buscando aproximar, através da psicanálise, os princípios higienistas de sua época à pedagogia renovada, Ramos propõe o tratamento médico e ortofrênico das chamadas “crianças problema”, termo utilizado pelo médico para designar as crianças vítimas do “desajustamento” social ou familiar.

Procuramos, portanto, destacar a atuação de Arthur Ramos à frente do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental e apontar as ressalvas a serem feitas quando da apropriação da teoria psicanalítica no âmbito da educação escolar pelo médico alagoano. Para tanto, propomos uma análise das fichas individuais das crianças atendidas pelo Serviço com vistas a remeter as relações psicossociais ao seu contexto de produção. Desse modo, destacamos em seu conteúdo como as ideias da psicanálise freudiana foram descaracterizadas para servirem de aporte às propostas higienistas do período varguista.

A REFORMA EDUCACIONAL DA DÉCADA DE 1930 E O SERVIÇO DE ORTOFRENIA E HIGIENE MENTAL

Em “Educação e Sociedade na Primeira República”, Nagle (1976) analisa a cena política, econômica e social do período que desenharia as necessidades pedagógicas do movimento da Escola Nova no Brasil. Segundo o autor, a passagem de um sistema agrário-comercial para um sistema urbano-industrial apenas redesenhou a sociedade de classes do período Imperial, acrescentada a novas políticas e ações de manobras sociais que pretendiam atingir o coletivo a partir da erradicação do analfabetismo, buscando a qualificação do voto e a solução de problemas de ordem econômica, visto que muitos desses problemas eram também decorrentes do analfabetismo (NAGLE, 1976).

Nesse sentido, a evidente preocupação com o desenvolvimento nacional se refletirá nas discussões do movimento pedagógico renovador acerca das práticas educativas. Assumindo essa perspectiva, crianças e adolescentes, crescendo analfabetos, poderiam constituir-se em elementos negativos da ordem e do progresso no ponto de vista do capitalismo, já que ações em prol da alfabetização, por exemplo, eram sempre justificativas para ações de racionalização tendo em vista necessidades do mercado. Para uma nação que se queria moderna, se fazia necessária uma escola igualmente moderna, alinhada com os discursos pedagógicos internacionais – de um lado a epistemologia genética de Piaget e Claparède; de outro o pragmatismo de Dewey, que teve em Anísio Teixeira o seu principal divulgador no Brasil –, nos quais predominava a racionalização dos métodos e resultados.

Thompson (1917, p.08) aponta que “o tipo de cada aluno será a nova bússola da educação” na perspectiva da Escola Nova, colocando as características individuais das crianças em evidência, com base nas quais se deveriam agrupar o coletivo de alunos a fim de responder às necessidades de homogeneização em que se assentava a escola graduada. Examinar, identificar, catalogar e definir o tipo, eram alguns dos procedimentos que viriam, segundo o

ideário escolanovista, conferir cientificidade ao trabalho pedagógico, permitindo orientá-lo segundo as características individuais dos alunos, cujo conhecimento possibilitava agrupá-los sob o primado da norma, distinguindo e separando os normais, dos super e subnormais, mas sobretudo dos “anormais”.

Nagle (1976) identifica dois momentos do movimento da Escola Nova no Brasil: o primeiro corresponde à uma modesta introdução de seus ideais e vai do fim do Império até o final da década de 1920; e o segundo, da década de 1920 em diante, corresponde à sistematização e implementação de um projeto pedagógico renovador no país. Dentro desse segundo período, ao final do ano de 1931, apresentando-se partidário da nova política educacional reformadora, Anísio Teixeira assumiu a diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal e declarou sua intenção de aprofundar tal consciência educacional. À época em que Anísio Teixeira foi nomeado diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, “a coalizão de cientistas, médicos e cientistas sociais era plenamente devotada ao nacionalismo eugênico” (DÁVILA, 2006, pág. 67).

Assim, para cumprir o desafio de mapear especificamente em que medida os fatores cultural e ambiental criavam degeneração, Anísio Teixeira montou entre 1931 e 1935 uma rede para atuar sobre a fragmentação escolar, rede essa, tecida por órgãos consultivos e executivos.

Teixeira assumiu esse desafio e transformou o sistema escolar do Rio em um laboratório que atraiu os principais eugenistas da nação. Educadores como Roquette Pinto, Arthur Ramos, Lourenço Filho e Afrânio Peixoto foram atraídos para o sistema escolar do Rio a fim de pesquisar a degeneração, desenvolver programas de saúde e educação para tratá-la e aplicar esses programas nas escolas da cidade. (DÁVILA, 2006, pág. 67)

Os órgãos consultivos reuniam o Instituto de Educação, confiado a Lourenço Filho e Mário de Brito; o Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), entregue a Delgado de Carvalho, José Paranhos Fontenelle, Ignácia Guimarães, Roquete Pinto e Armando de Campos, cujo objetivo era realizar investigações sociais e psicológicas que fornecessem a base para o estudo e elaboração de planos, programas e métodos de ensino, além de medidas de rendimento e eficiência escolar e serviços de extensão educativa; a Divisão de Obrigatoriedade Escolar e Estatística, sob a condução de Pedro Matos, e a Divisão de Prédios e Aparelhamentos Escolares, sob a direção de Nereu Sampaio e Assis Ribeiro às quais se juntava a Divisão de Secretaria (NUNES, 2000, p. 236).

O IPE, sob a direção de Delgado Carvalho, era ainda formado pela Seção de Medidas e Programas, pela Seção de Estatística Educacional e pela Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, esta última chefiada pelo então médico alagoano, Arthur Ramos, e que implicava no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental.

A Escola Nova, cuja organização, segundo Thompson (1917), deveria estar pautada em um conjunto de “normas de uma orientação científica e com os preceitos da moderna pedagogia”, empenhou-se em integrar à função da escola a obra do saneamento no Brasil, conferindo nova configuração aos atores e cenários da educação nacional (THOMPSON, 1917, pág.08). Thompson (1917) ressalta a condição do professor e da escola enquanto difusores de conhecimentos de higiene, deixando clara sua concepção de que tais conhecimentos são fundamentais para a melhoria das condições de vida e trabalho da população brasileira na manutenção e desenvolvimento do sistema capitalista. A mesma preocupação com a educação higiênica é percebida em Lourenço Filho, que defende a difusão do “culto da saúde por todos os meios práticos possíveis e adaptando-os sempre às circunstâncias do meio; profilaxia do paludismo, da lepra, do tracoma, e da amarelão” (AZEVEDO, 1960, p.105). Para Wanderbrook e Boarini (2000)

A psicologia torna-se o mecanismo privilegiado de educação, e a biologia o fundamento no umbral do qual descansa a prática médica. Com isso, as margens entre educação e medicina desaparecem, criando-se uma unidade pedagógica entre ambas, ligadas com o selo da higiene mental. (WANDERBROOK; BOARINI, 2000, p.12)

O próprio Arthur Ramos (1949) reconhece “na infância o principal campo de ação da higiene mental” no processo de ajustamento do indivíduo aos seus sucessivos círculos de vida (RAMOS, 1949, pág.22). A Escola Nova brasileira nasce, então, como local de ensino da higiene, onde os esforços despendidos na alfabetização dependiam do equilíbrio mental do povo brasileiro, já que são suas características inatas e não as condições sócio-políticas consideradas geradoras dos problemas sociais.

Na introdução da obra “A criança problema” (1949), Ramos apresenta, resumidamente, o plano de funcionamento do Serviço:

- a) Higiene mental preventiva do pré-escolar. É o processo educativo transportado ao lar. Correta formação dos pais. Círculos de pais. Educadores visitantes. Clínicas de hábitos e de direção da infância. Serviços conexos – profiláticos e médicos.
- b) Exame médico-psicológico do escolar, com o fim

de joeirar os ‘casos-problemas’, os ‘difíceis’ em seus vários graus. c) Orientar os psiquicamente sãos. Reajustar os mal-ajustados. Clínicas ortofrênicas. Serviços conexos – médico, antropológico... d) Correta formação mental do educador. Curso de férias. Cursos na Escola de Professores. Frequência ao Serviço Central de Ortofrenia. Formação intensiva de educadores especializados. e) Educar o público. Conferências públicas. Conselhos de higiene mental. Divulgação pelo cinema, rádio, boletim, etc. Publicação de monografias. f) Problemas conexos. Articulação com outros Serviços: médico, tests, antropologia, etc. Planos de estudo. Trabalhos de experimentação, originais e contra-prova de experiências estrangeiras. Psicologia da criança brasileira. Publicações periódicas. (RAMOS, 1949, pág. 27)

O Serviço tinha, portanto, um caráter preventivo, voltado para todos os alunos, e também um caráter corretivo, quando a criança já se encontrava “desajustada”. Em ambos os casos, o objetivo perseguido era o da formação de hábitos saudáveis, normais e morais, condizentes com o papel que a sociedade queria dessas crianças, apontando mais uma vez o caráter fascista empenhado pelo movimento.

Ali, em pesquisas junto às Escolas Experimentais, buscou-se estudar as causas do desajustamento de muitas crianças ao ensino escolar, através da caracteriologia individual de cada uma delas, em seus aspectos de personalidade, inteligência e capacidade, chegando ao conceito de “criança problema”. As Escolas Experimentais, anexas ao Instituto de Pesquisas Educacionais, foram implementadas no Rio de Janeiro também como parte da reforma educacional liderada por Anísio Teixeira e estavam incumbidas de realizar estudos sobre as técnicas para organização de classes, promoção de alunos, compreensão de crianças com problemas de conduta e aprendizagem e outras técnicas da pedagogia renovadora. Nas palavras de Anísio Teixeira, as escolas-laboratórios haviam-se tornado “centros de estudos da criança carioca e um repositório de experiências verificadas sobre as possibilidades e os recursos dos métodos ensaiados” (TEIXEIRA, 1935, p. 113).

Para tanto, o Serviço organizava fichas individuais para cada criança, onde eram descritas as informações sobre o sexo e a idade da criança; observações e dados da família; do ambiente familiar, tanto em relação às condições materiais e de habitação quanto aos desajustamentos “psicológicos”; a história obstétrica; o desenvolvimento da aprendizagem e a formação de hábitos; exame antropométrico; orientação ortofrênica¹.

¹ Algumas fichas do Serviço encontram-se dispersas no acervo Arthur Ramos da Fundação Biblioteca Nacional, o qual reúne todo arquivo pessoal do médico alagoano, vendido à biblioteca em 1956, parte pela viúva, Luiza Ramos, parte pela Universidade do Brasil. Para fins deste trabalho foram utilizadas as transcrições parciais de 270 fichas que compõem a obra “A criança problema” (RAMOS, 1949).

As fichas foram recursos estabelecidos também pela reforma educacional anisiana e eram utilizadas pelos pesquisadores do IPE para reunirem informações a respeito dos escolares do Distrito Federal. Existia a ficha antropométrica, que continha o registro do desenvolvimento fenotípico e físico do aluno; e a ficha de higiene mental, que registrava sua evolução psicológica. Segundo Dávila (2006), os pesquisadores utilizavam esses dados para expandir uma ciência nacional da eugenia² que aplicava teorias estrangeiras à mistura de raças e condições do Brasil e, assim, a “criança que ia para a escola entrava em um laboratório e, sem saber, tornava-se objeto da pesquisa científica” (DÁVILA, 2006, pág. 79).

Ramos (1949) apresenta a já citada obra “A criança problema” ao leitor como resultado de observações realizadas em algumas escolas públicas do Rio de Janeiro (as Escolas Experimentais), entre os anos 1934 e 1939, com um total de duas mil crianças e aponta que, a “experiência, no exame dos escolares ‘difíceis’ mostrou que havia necessidade de inverter os dados clássicos da criança chamada ‘anormal’” (RAMOS, 1949, pág. 13), denominação que englobava o volume de crianças que por diversas razões não acompanhavam as atividades escolares da maneira que lhes eram impostas. Ainda de acordo com o autor,

somente uma percentagem insignificante destas crianças mereceria, a rigor, a denominação de ‘anormais’, isto é, aqueles escolares, que em virtude de defeitos constitucionais, hereditários, ou de causas várias que lhes produzissem um desequilíbrio das funções neuro-psíquicas, não poderiam ser educados no ambiente de escola comum. (RAMOS, 1939/1949, pág. 13)

Para a maior parte delas – 90% das crianças atendidas pelo Serviço e que eram tidas como “anormais” – Ramos atribuiu, então, o conceito de “criança problema”³, “vítimas de uma série de circunstâncias adversas [...], entre as quais avultam as condições de desajustamento dos

² Eugenia – *eu*: boa; *genus*: geração –, aparece em Schwarcz (1993) como criação do fisiologista inglês, Francis Galton, em 1883, para designar a ciência que trata dos fatores capazes de aprimorar as qualidades hereditárias da raça humana. Inspirada na teoria evolutiva de seu primo, Charles Darwin, Galton defendeu através da eugenia que os seres humanos, tal como os animais, poderiam ser melhorados através da seleção artificial. Em seus estudos buscou comprovar que a genialidade individual ocorria com excessiva frequência em famílias de eminentes intelectuais, tese de sua primeira publicação, *Hereditary Talent and Character* (1865), na qual estudou a distribuição do talento nas populações a partir da hereditariedade. Para Schwarcz (1993), paralelamente ao evolucionismo social, a eugenia constituiu-se em uma prática avançada do “darwinismo social” ou “teoria das raças”, que via de forma pessimista a miscigenação e pretendia intervir de maneira incisiva na reprodução das populações, enaltecendo as raças de “tipos puros” e apontando a miscigenação como sinônimo de degeneração não apenas racial como também social.

³ Consideramos o pioneirismo de Arthur Ramos na divulgação, no Brasil, do conceito de “criança problema” no contexto educacional. Entretanto, a reformulação do conceito de “normalidade”, bem como a concepção de “criança problema” (*problem children*), já havia sido estudada e divulgada nos Estados Unidos por pesquisadores como John Edward Bentley, em 1936.

ambientes social e familiar” que viriam, de acordo com o autor, justificar a conduta da criança aversiva ao seu lar, à escola e ao currículo escolar (RAMOS, 1949, pág. 13).

É nessa configuração teórica que a psicanálise figura na obra do médico alagoano como o elemento faltante a uma precisa avaliação, correção e prevenção da “criança problema”. Segundo o autor, ao lado da psicotécnica, para fins pedagógicos do escolar, se tornam necessários, além de “exames de caráter médico-orgânico e neuropsicológico”; a aplicação da “psicologia moderna” – referindo-se à psicanálise –, por ser esta dedicada a estudar o psiquismo em sua totalidade (RAMOS, 1949, pág. 17). Portanto, para Ramos, somente a psicanálise nos permitiria compreender a formação do caráter individual e suas “imperfeições”, possibilitando o acompanhamento da sua evolução e a compreensão de meios para o aperfeiçoamento do comportamento das crianças e resolução das dificuldades escolares.

Entretanto, o que seria uma “imperfeição” no caráter individual segundo o médico alagoano? Este é um conceito estranho à psicanálise e remete ao campo conceitual da psicologia comportamental; para a psicanálise, uma neurose, por exemplo, não é uma falha, mas uma vicissitude e as análises não visam a nenhum aperfeiçoamento do comportamento.

Desse modo, a partir das análises que se seguem, buscaremos responder quais seriam essas imperfeições e o que significa para Arthur Ramos tal ordenação, destacando como a apropriação da psicanálise pelo médico alagoano se articulou ao movimento higienista como um dos recursos técnicos e teóricos utilizados por ele no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Rio de Janeiro.

ANÁLISE DAS FICHAS INDIVIDUAIS DO SERVIÇO DE ORTOFRENIA E HIGIENE MENTAL DO RIO DE JANEIRO (1934-1939)

A higiene mental na concepção do médico Arthur Ramos visava diagnosticar, prevenir e corrigir problemas de personalidade e de conduta, cuja principal causa, segundo ele, estaria na influência dos meios familiares “desajustados”, marcados por conflitos domésticos, fome, exploração do trabalho, alcoolismo e uso de drogas. Para Ramos (1949, pág. 161), as “diferenças têm antes um caráter social. São os conflitos psico-afetivos da criança em relação ao seu ambiente familiar e social que modificam o seu desenvolvimento e conseqüente aprendizagem escolar”.

Tal postura não significa, no entanto, que o discurso do autor não esteja imbuído da mesma ideologia eugênica que responsabiliza o indivíduo para isentar o Estado. O que há, é um

rearranjo ideológico que afasta Arthur Ramos das teorias racistas, mas mantém a culpa no indivíduo, pois ao defender que são os desajustamentos do meio que são determinantes dos problemas dos escolares, refere-se, ainda, apenas aos aspectos sociais representados pela família, e não pelas situações econômicas, sociais e políticas que determinam as condições do desajustamento familiar. Sendo assim, ainda que as causas não sejam mais colocadas pelo determinismo racial ela continua sendo individual, advinda dos membros da família, considerados, cada qual, individualmente como desajustados, não inseridos na sociedade moderna. Sobre a família recaía, portanto, a responsabilidade do sucesso ou do fracasso escolar da criança.

Sendo assim, embora Arthur Ramos reafirmasse seu compromisso contra a tese da inferioridade racial, o médico alagoano acabou por cair em outro equívoco ao culpar os pais pelas dificuldades de adaptação dos filhos ao ambiente escolar, o que “significava culpar sua cultura e cor da pele” (DÁVILA, 2006, p. 76). Garcia (2010) questiona a veracidade da análise de Dávila (2006), pois considera não haver “nenhuma menção no texto de Ramos que pudesse servir como indício de que ele estaria referindo às famílias negras ou de qualquer outra etnia” (GARCIA, 2010, p. 120). Pelo contrário, as análises das fichas individuais das crianças atendidas pelo Serviço de Ortofrenia e Higiene mental nas Escolas Experimentais do Distrito Federal apontam para um grande índice de casos em que os problemas de “desajustamento” social e familiar estão se referindo a crianças de origem pobre de “cor preta” e crianças de “cor parda”, mesmo se lembramos de que a frequência da população pobre ainda era baixa na escola pública.

Para Ramos (1939), o nível social da criança pode mostrar que há um atraso geral nas crianças de meios pobres, que seria para o médico, resultado de um “complexo de inferioridade do proletário”. Portanto, Ramos (1939) considera as condições de moradia um ponto da maior importância para a higiene mental, sendo considerada nas fichas do Serviço, desde o aspecto material da habitação até o aspecto psicossocial. A partir da apresentação das duas fichas seguintes, Ramos (1949) aponta que as condições de moradia daquelas crianças são determinantes de um mau ou nenhum rendimento escolar, além de problemas de personalidade e de conduta.

Obs.1 (Escola “Argentina”, ficha n.10 do SOHM). C. J. S., menino de 15 anos, cor branca, pais portugueses, **operários**, 2 irmãos, moço de 23, menino de 12 anos. Atualmente **a mãe está em Portugal**. Moram num quarto, em **casa de habitação coletiva, sem acomodação para o menino; não há jardim nem pátio para brincar**. O menino **vive na rua**, em péssima companhia. Gosta

muito de cinema, de fitas de cow-boy e de polícia. O menino é sub-alimentado. Deita-se às 20 horas, levanta-se às 5. Do seu registro de observações:

“1935 – O menino tem vivido sucessivamente com os pais e os padrinhos, seus tios maternos, para quem trabalhava de enxada num sítio que possuíam (...). Foge frequentemente de casa. **Queixa-se dos pais e dos maus tratos.** Quando consegue algum dinheiro, bebe aguardente (...). Adquiriu o hábito de fumar maconha (...).

Obs.2 (Escola “Estados Unidos”, ficha n.347 do SOHM). W. L., menino de 8 anos, cor branca. O pai, português, **analfabeto, trabalha na roça, alcooliza-se** com frequência. A mãe, portuguesa, **lavadeira**, não goza de boa saúde; queixa-se do marido, que a teria contaminado com uma doença venérea. 8 irmãos, 7 do sexo masculino, 1 do feminino. **Moram em barracão de madeira**, situado em **morro, sem acomodações para a criança**, que dorme no chão, na sala, com dois irmãos. O menino trabalha em casa, carrega água, leva roupa aos fregueses da mãe. **Há brigas constantes em casa**, por causa do alcoolismo paterno. **O pai espanca a mulher e os filhos**, tocando-os muitas vezes para fora, para o mato. Sub-alimentação. O menino desenvolveu-se com dificuldades. Não goza de boa saúde. Tem muito medo da escuridão e do isolamento. Na Escola é parado, desatento, triste, insociável. **Aprendizagem má.** Pesa 21k800, tem 1m20 de altura. O exame orgânico revelou o seguinte: lues congênita; verminose; anemia secundária; fadiga; sub-nutrição. Do seu registro de observações:

“1936 – **Queixa-se muito do ambiente e da vida de casa. Apanha muito do pai** que quando bebe, faz cenas escandalosas. O menino profere muitas palavras obscenas na Escola; é muito malicioso... Costuma fazer desenhos, onde há com frequência as figuras de uma criança e do pai a bater-lhe com uma correia...” (RAMOS, 1949, págs. 43-45, grifos nossos)

Sobre os relatórios de observação acima descritos, o autor escreve: O meio social exerce, assim, uma influência decisiva sobre a criança, pequeno ser inerme rodeado de adultos que não a compreendem ou a escorraçam. Dentro dessas influências globais de meio – de cultura, de sociedade... – temos que investigar as inter-influências da personalidade, principalmente nos círculos da família. (RAMOS, 1949, pág. 46)

A partir dessas duas fichas do Serviço, podemos verificar a maneira através da qual o autor responsabiliza as relações humanas no espaço familiar como causa de “desajustamentos” na criança e constrói o vínculo entre a psicanálise e a higiene mental. Ramos (1949) sugere que as emoções, sentimentos e atitudes vivenciadas no contato social com a família, moldam a criança “em teias sutis, que a psicanálise iria estudar nas suas pesquisas fundamentais” (RAMOS, 1949, pág. 46).

Assim, é possível inferirmos, que Arthur Ramos se apropriou da psicanálise para pautar as ações higienistas no âmbito escolar, servindo dela para explicar, a partir de princípios considerados científicos à época, as causas que, segundo o autor, levavam aos problemas de aprendizagem e aos altos índices de evasão escolar, explicando o fracasso, sobretudo, pelas inadequações dos alunos ao sistema de ensino.

No centro das discussões do médico higienista sobre os problemas do escolar, estava a defesa de uma assistência e de um tratamento diferenciado para a “criança problema”. O que percebemos, contudo, é que a concepção de Arthur Ramos de “criança problema”, incorporou elementos da cultura e organização social das classes mais pobres a um tipo de aluno que não estava adaptado ao modelo de ensino pregado pela nova pedagogia e, para tanto, a higiene mental, através do Serviço de Ortofrenia, ajustaria essas crianças a uma boa educação e à sociedade moderna, marcada, então, pelo capitalismo.

Observemos a seguir, exemplos de outras fichas do Serviço que apontam o ambiente familiar como a principal causa dos desajustamentos apresentados pelas “crianças problemas”.

Obs.90 (Escola “Bárbara Ottoni”, ficha n.107 do SOHM). M. S. S., menina de 8 anos, cor branca. O pai, brasileiro, funcionário de uma estrada de ferro, não goza de boa saúde. A mãe, brasileira, saúde regular. Dois irmãos, de 15 e 5 anos. Moram em casa alugada, sem acomodações para a menina que dorme no mesmo quarto com o irmão de 5 anos. Nada de anormal na história obstétrica materna e no desenvolvimento pregresso da menina. Não tem hora certa para se deitar e se levantar; dorme no mesmo leito com o irmão de 5 anos; demora a conciliar o sono. Brinca em casa e na Escola; gosta de brincar de correr, e de bonecas. Na Escola, é obediente, indiferente, triste, tímida, tranquila e dócil. **Deficiência nas funções psíquicas; inteligência e julgamento fracos. Aprendizagem deficiente.** O exame orgânico revelou lues congênita e hipertrofia das amígdalas. (RAMOS, 1949, págs. 178-179, grifos nossos)

Ramos aponta o caso como “um atraso global de inteligência, agravado por algumas condições desfavoráveis do ambiente familiar” que, segundo a ficha, seria predominantemente marcado pelo fato de se tratar de uma filha única entre dois irmãos vivendo em uma habitação sem acomodações “para a menina” (RAMOS, 1949, pág. 179). Assim, seguimos observando como o autor constrói uma lógica do fracasso escolar que culpabiliza o indivíduo e sua família, sobretudo quando esta é de meio pobre.

No capítulo XIII de “A criança problema” (1949), sobre as fugas escolares, Ramos faz uma analogia entre as “gazetas escolares” e o problema da “vagabundagem” com os desajustamentos familiares. Para o autor, da “fuga à vagabundagem é um passo. A vagabundagem é uma fuga permanente (...)” e completa: “As causas, como vimos, são essencialmente familiares e sociais” (RAMOS, 1949, pág. 296). O médico alagoano ainda ressalta que

Na Escola antiga, a fuga, a ‘gazeta’ escolar, tinham como causa mais aparente, o medo dos processos pedoplégicos, o temor que infundia a figura do educador severo, aplicador de castigos. Na Escola nova, num novo ambiente de liberdade, eliminadas aquelas causas, o fenômeno das fugas e rupturas escolares pode ser observado no seu verdadeiro determinismo. (RAMOS, 1949, pág. 286)

Quais sejam: os desajustamentos no ambiente familiar. Mais uma vez o autor transfere para a sociedade a culpa pelo fracasso escolar, antes também direcionada ao modelo escolar tradicional, colocando a Escola Nova acima de qualquer compromisso com tal comportamento. Observe a transcrição a seguir:

Obs.182 (Escola “Manuel Bomfim”, ficha n.352 do SOHM). Z. S., menina de 12 anos, **cor preta**. O pai, brasileiro, **empregado numa estrada de ferro, abandonou a mulher**, quando a filha tinha 5 anos. A menina vive com a avó, que tomou conta dela, aos 3 meses. Não há informações sobre a mãe. Moram avó e neta, em casa de um casal, onde estão empregadas. Os patrões são muito bons, dando oportunidade à menina para que possa estudar.

Deita-se às 21 horas, sono agitado; tem medo da escuridão e do isolamento. A menina, com os caracteres sexuais secundários já desenvolvidos, tem na Escola um **mau comportamento sexual**. É **leader de um grupo desajustado** na Escola. É reservada, irônica, mente muito. Aprendizagem fraca. Tem 1m42 de altura, pesa 52 quilos. O exame orgânico revelou sinais de lues congênita.

Do seu registro de observações:

“1938 – A menina tem sido o cabeça de vários fatos, de caráter sexual, ocorridos na Escola. Foi surpreendida com um grupo de meninos nos fundos da Escola em atitudes suspeitas. Chefia um bando de alunos que tem feito uma série de “gazetas” à Escola. (RAMOS, 1949, págs. 295-296, grifos nossos)

Assim, vemos Arthur Ramos listar as crianças mimadas, as crianças escorraçadas, as mentirosas, os pré-delinquentes, e as demais “crianças problema”, dentro de um conjunto de dificuldades determinados, segundo o autor, pelos desajustamentos do meio e da família. Aos desajustamentos, aos “traumas”, das suas constelações familiares, a criança “reage” de três maneiras gerais (...): 1) no polo da agressão (turbulência, problemas motores do comportamento, em geral); 2) no polo da angústia (quando a agressão é interiorizada, quando há ‘introversão’ da agressão); 3) nos mecanismos derivados que implicam uma transformação dos impulsos (problemas caracterológicos em geral: mentiras, furtos, tiques, etc.). (RAMOS, 1939/1949, págs.372-373)

Ainda para discorrer sobre o estudo dos desajustamentos familiares e da criança em meio às suas relações de família, Ramos (1949) refere-se à concepção adleriana de “constelações familiares” para indicar, sobretudo, as influências que a criança recebe em seu

ambiente familiar (o conceito adleriano de “constelações familiares” leva em consideração as formações do núcleo familiar, como o número de filhos, a ordem do nascimento, a posição dos filhos meninos em relação às meninas, as preferências dos pais, etc.) (RAMOS, 1949, pág. 47).

Na relação pais-filhos, Ramos (1949) aponta o momento da objetivação do amor da criança, vinculando o complexo de Édipo da escola de Freud às questões das “constelações familiares” de Adler:

Surge o primeiro objeto exterior do seu amor: a mãe, a ama ou a primeira pessoa que dispensou cuidados à criança. É um interesse, ou ligação a princípio indiferenciada, mas que depois se polariza, dos quatro para os cinco anos, em torno do famoso complexo de Édipo. Formam-se constelações afetivas familiares, às vezes de grande intensidade, que se podem resolver facilmente, ou se complicar para o futuro. (RAMOS, 1949, pág. 49)

A seguir, observaremos outras situações em que o autor se apropria de conceitos da psicanálise para justificar o comportamento “desajustado” da “criança problema”.

Obs.23 (Escola “Estados Unidos”, ficha n.191 do SOHM). T. D. S., menino de 7 anos, cor parda. O pai, português, empregado numa tinturaria, não goza de boa saúde; **castiga frequentemente o filho**, com surras de correia e prisão no quarto. A mãe, brasileira, doméstica, goza de boa saúde. 4 irmãos, três meninas e um menino, respectivamente de 9, 8, 4 e 3 anos. Avós paternos falecidos; avós maternos, vivos e fortes, não exercem influência sobre a criança. Moram em casa alugada, situada em morro; não há acomodação para o menino, que dorme com um dos irmãos. Não brinca com os vizinhos, porque a mãe proíbe. Nada de anormal na história obstétrica materna. O menino desenvolveu-se em más condições. Dificuldades de desmame. Tece convulsões e bronquite. Sub-alimentação.

Deita-se às 19 horas, demora a conciliar o sono; tem medo da escuridão e do isolamento; sono agitado. Brinca em casa e na escola, tendência a dominar os companheiros. **Atormenta os colegas**. Mentira e furta algumas vezes. É irascível, medroso, agitado, insociável, **calado com explosões súbitas, agressivo**. Desatento, memória regular, aprendizagem fraca, muito sugestível.

(...) Trata-se de uma criança escorraçada, com defeitos orgânicos, que devem ser tratados, ao lado de **esclarecimentos aos pais**.

Obs.24 (Escola “Argentina”, ficha n.264 do SOHM). W. B. R., menino de 8 anos, cor branca. O pai é português, carpinteiro, enérgico e irascível (informação da criança: **“quando ele se aborrece, dá cada surra na gente...”**). A mãe, portuguesa, doméstica, não goza de boa saúde. 4 irmãos, do sexo masculino, respectivamente de 14, 12, 10 e 6 anos de idade. Os avós e outros parentes não exercem influência sobre a criança. Moram em casa alugada, em “vila”, com acomodação para a criança. Quintal para brincar. A mãe proíbe-o porém de sair e brincar na vizinhança. Nada de anormal na história obstétrica materna. O desenvolvimento do menino apresenta algumas dificuldades. Defeitos da palavra: tatibitate e rotacismo, gagueira às vezes,

persistindo até hoje. Deita-se às 22 horas, levanta-se às 7; dorme em leito comum a mais 3 irmãs. Brinca em casa e na Escola, é dissimulado, desobediente, **atormenta os colegas**, fanfarrão, tagarela, emburrante, mente às vezes. Esgaravata o nariz, suga o polegar. É medroso, agitado, irônico, agressivo, com bizarras periódicas. Atenção e memória fracas. Muito sugestionável. Aprendizagem má. O exame orgânico revelou sintomas de verminose, anemia secundária, linfatismo.

“1936 – É uma criança instável. Sua atitude em casa é irrequieta, atormenta os colegas, **desrespeita a professora** (...).

Da orientação aconselhada:

“Correção do ambiente familiar: **mostrar aos pais os inconvenientes dos castigos e ameaças às crianças**. Jogos aos ar livre, investigar o interesse do menino e dar-lhe tarefas em correspondência com esses interesses, nas classes e nos jogos (...). (RAMOS, 1949, pág. 88-89, grifos nossos)

Ramos (1949) ressalta, a partir dessas observações em que o pai aparece como sendo a pessoa que aplica os castigos físicos à criança, as implicações desse “desajustamento” para o ambiente escolar. Segundo o autor, “as atitudes de revolta e reação da criança se dirigem quase sempre contra o pai e tudo o que o simboliza: a autoridade, em geral, a disciplina na Escola, etc.” (RAMOS, 1949, pág. 89). O autor aborda aqui o ponto de vista adleriano, segundo o qual “a criança detestaria o pai, porque enxerga nele o tirano e dominador”; e também a teoria freudiana, segundo a qual, de acordo com Ramos, “A revolta da criança contra o pai (e a autoridade em geral) se formaria em função da situação triangular do Édipo, onde o pai aparece como rival amoroso” (RAMOS, 1949, pág. 89-90).

A influência de diferentes escolas da psicanálise, como já vimos, é constante no discurso do médico higienista e sugere uma apropriação fragmentária das obras dos intelectuais, muitas vezes reduzidas a certos “chavões”, como o complexo de Édipo, sem nenhum aprofundamento teórico, limitando-se a breves alusões na tentativa discursiva de limitar as dificuldades escolares a distúrbios de ordem psíquica e a promessa de correção e prevenção da “criança problema” apenas com a intervenção de natureza psíquica.

Sobre os problemas dos escolares relacionados ao medo e a angústia, Arthur Ramos retoma mais uma vez o complexo de Édipo e expõe que

Para Freud, a angústia nasce como uma reação geral a um estado de perigo e reproduz-se quando surge novamente esse estado. São as relações familiares que acarretam essas condições, na criança. Na resolução do complexo de Édipo, o pai surge como uma autoridade que ameaçaria o menino de castração. Acha Freud que é o medo da castração o complexo principal da angústia. (RAMOS, 1949, pág. 382)

Daí, Ramos pressupõe e ressalta que “não resta dúvida que a responsabilidade dos medos e angústias infantis cabe aos adultos, principalmente aos pais”. Com isso, se instala novamente a responsabilização dos pais pelo fracasso escolar. Em virtude disso, constitui-se como função do SOHM a assistência às famílias das crianças atendidas pelo Serviço.

Segundo Ramos (1949), “um ponto dominante da Escola Nova” é a “colaboração estreita entre a escola e o lar”, portanto, o autor considera a colaboração dos pais indispensável: “A responsabilidade dos pais na formação psicológica dos filhos é enorme” (RAMOS, 1949, pág. 444). De acordo com Martins (2005),

Os fundamentos fisiológicos, psicológicos e biológicos respaldavam o trabalho dos higienistas para a educação, mas esses fundamentos necessitavam da inter-relação social da escola com a família e vice-versa, produzindo assim uma educação funcionalista, em que a base da ação educativa era a busca da satisfação das necessidades dos adultos e da sociedade (...). (MARTINS, 2005, pág.92)

Dessa forma, o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental se aproxima das famílias, que na maioria das vezes acabavam envolvidas pelo ideário estatal, reconhecendo no higienismo o cuidado científico necessário para que fosse possível cuidar dos filhos e ao mesmo tempo se adaptar à modernização capitalista.

Assim, o estabelecimento de uma ordem no conjunto familiar era entendido pelos higienistas como necessário para se estabelecer a ordem social burguesa, já que o conceito de família tomado por Arthur Ramos é o da família burguesa. A lógica do Serviço era oferecer, portanto, além de uma boa saúde física, uma boa formação moral às crianças e seus familiares, calcada em recortes psicanalíticos, que permitisse formar cidadãos higienizados e moralmente corretos para contribuir, enquanto classe dominada, com o progresso capitalista. Com a justificativa de que a correta orientação dos familiares possibilitaria o melhor desenvolvimento da criança, o Serviço desejava a higienização de toda a família brasileira “desajustada”.

Não nos coube aqui julgar a teoria psicanalítica da maneira como Freud a concebeu, mas o fato de Ramos apropriar-se dela mais como um conjunto de teorias do que como instrumento terapêutico, reduzindo os resultados das observações do Serviço a apontar como determinados tipos de problemas da psique humana manifestam-se no âmbito escolar.

A PSICANÁLISE ENTRE A ESCOLA NOVA E A HIGIENE MENTAL PELA PERSPECTIVA DA TEORIA CRÍTICA DE ADORNO

Pensar a apropriação psicanalítica pelos médicos higienistas nos permite refletir acerca do modo como se conduziu um enorme contingente de crianças à barbárie, ao justificar a violência por questões de raça e disposições psíquicas “desajustadas”. Se, como nos coloca Adorno (1995a, p.49), o “encantamento do passado pode manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas”, é porque essas causas são essencialmente sociais e políticas, ou seja, advém de certa organização da sociedade baseada na dominação.

Nesse sentido, a proposta adorniana de elaborar o passado atua em um sentido muito específico, o de operar para vencer alguma resistência: o medo não deve ser reprimido, é preciso ser sentido tanto quanto for necessário para que o indivíduo, conscientemente, se contraponha a toda e qualquer forma de totalitarismo. A atividade de elaborar o passado não passa pela fórmula equivocada de encerrar a questão do passado, trata-se, sobretudo, de tomá-lo de maneira reflexiva e perceber que em nome de uma dita cientificidade, as barbáries associadas ao higienismo foram riscadas da nossa memória.

Embora Arthur Ramos tenha retirado, com a concepção da “criança problema”, um grande número de crianças da condição de “anormais”, o autor atribui o fracasso da escola à fatores familiares e sociais, enquanto sabemos que muito disso se deve às formações políticas e econômicas que desejaram manter as classes mais pobres em estado de submissão às classes dominantes.

Assim, consideramos o médico alagoano como um dos expoentes de uma ação higienista que, através da inserção da psicanálise na pedagogia brasileira do século XX, construiu o paradigma do fracasso escolar como resultado de ações ou características do indivíduo.

Ademais, a partir das análises da produção intelectual de Ramos, verificamos que a apropriação da psicanálise pelo intelectual conferiu a esta a condição de teoria normatizadora do comportamento infantil, servindo ao higienismo no que tangia aos ideais de profilaxia das doenças mentais e comportamentos amorais do escolar. Ao contrário, da psicanálise de Freud, Adorno (1995b) pôde depreender a importância de recorrer a psique humana para o enfrentamento do indivíduo e de suas contradições diante da cultura. Daí a ideia de que cabe a educação para emancipação mais que castração, é necessário elaborar:

Dito de outro modo: a educação precisa levar a sério o que já de há muito é do conhecimento da filosofia: que o medo não deve ser reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então

justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido. (ADORNO, 1995b, p. 129)

A psicanálise, portanto, a partir da análise de Adorno (1995b) sobre a educação, oferece referenciais de crítica do conhecimento e da educação através dos quais se pode levar à conscientização dos mecanismos subjetivos que dão margem à repetição de Auschwitz. Adorno (1995b) caracteriza, portanto, a necessidade do processo educativo se contrapor aos processos sociais que ao mesmo tempo em que integram o indivíduo o subjagam ao coletivo, levando-o a conformar-se com mandamentos e poderes exteriores que substituem a consciência moral.

De uma perspectiva sociológica eu ousaria acrescentar que nossa sociedade, ao mesmo tempo em que se integra cada vez mais, gera tendência de desagregação. [...] A pressão do geral dominante sobre tudo que é particular, os homens individualmente e as instituições singulares, tem uma tendência a destruir o particular e individual juntamente com seu potencial de resistência. (ADORNO, 1995b, p.122)

Junto com sua identidade e seu potencial de resistência, segundo Adorno (1995b), as pessoas também perdem suas qualidades e têm sua consciência mutilada.

Sobre os processos formativos que ignoram essa análise, e aqui podemos citar a proposta que se desenhou a partir das relações entre a pedagogia nova e o higienismo, Adorno (2010) aponta para a semiformação, um processo real na sociedade capitalista que desvia o homem das suas condições reais de vida social, através de um tipo de formação na qual o homem é alienado, mesmo que seja escolarizado. Isso porque a individualidade é destruída em prol da homogeneização.

Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam seu próprio eu. (...) A necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário. (ADORNO, 1995a, p.43)

Essa subjetividade ameaçada é entendida por Adorno (2010) como “semiformação”, conceito que expressa a maneira repressiva da formação da identidade subjetiva e constitui a base social de uma estrutura de dominação. Para o autor, foi essa alienação que tornou possível Auschwitz, pois a subjetividade, quando ameaçada, aumenta o potencial de adesão sem

consciência. Assim, se reproduz na vida social o aparente como o válido, o falso como verdadeiro.

Entretanto, Adorno reconhece que a subjetividade é secundária frente à totalidade alienada e que por isso a atuação da educação tem limites importantes quando pensamos na transformação da sociedade. Claro que não podemos deixar de educar, e fazê-lo da melhor forma possível implica conhecer também as mediações subjetivas e inconscientes.

Discute-se, pois, em Adorno, a necessidade de conferir ao processo educativo a função de reaver os elementos críticos na formação do indivíduo, possibilitando o despertar de sujeitos emancipados, capazes de pensar e agir por si mesmos, contrariamente a uma estrutura social de dominação da subjetividade. Por isso, cabe a nós revirar novamente esse passado e tornar perceptível a presença de um ideário eugênico operante no pensamento científico até a atualidade, que continua, por outros mecanismos, selecionando, excluindo e estigmatizando o indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso higienista de Arthur Ramos pode se afastar da tese darwinista social da existência de raças definitivamente inferiores e superiores, mas a crença na degeneração da raça ainda está presente e associada às condições de pobreza. Ou seja, muito embora as concepções ambientalistas de Arthur Ramos o tenham afastado da heredologia, ambas as áreas guardam entre si a suposição de que as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças pobres decorrem de distúrbios contraídos fora do ambiente escolar. Arthur Ramos teve, portanto, ideias limitadas pela perspectiva de seu tempo e contaminadas por concepções racistas do comportamento humano e da vida social.

Corroboramos, nesse sentido, com a tese de Patto (1990), a qual destaca que o médico teria se afastado das ideias eugênicas de Nina Rodrigues na medida em que, de posse do conceito de cultura, afastou-se das concepções racistas de cunho biológico sem, contudo, conseguir ultrapassar o preconceito racial entranhado na vida cotidiana brasileira, se apropriando da psicanálise para “curar” o inconsciente do brasileiro, considerado por ele mais primitivo que o dos povos outrora civilizados.

Concluimos, portanto, que as concepções e reflexões do médico alagoano, mesmo que não tenham compartilhado do ideário eugênico da teoria racial determinista, mostrando-se mais preocupado com a valorização do homem por meio da cultura e a da saúde do espírito, estão

inseridas em um discurso que buscou neutralizar as causas econômicas e políticas da desigualdade social na medida em que se predomina na fala do autor a prevenção e a correção por meio da educação e da higiene mental, tendo o seu discurso, de certa forma, representado a visão negativa da pobreza e do homem pobre, em sua maioria de “pretos” ou pardos.

Comprendemos, assim, que cumpriu à psicanálise apropriada por Arthur Ramos, entre a higiene mental e a Escola Nova, “ajustar” a criança, possibilitando a sua socialização no mundo do trabalho livre como peça fundamental para o progresso do capitalismo no Brasil, o que nos permite afirmar que Ramos se apropriou da psicanálise como se o inconsciente infantil pudesse servir a controlar e direcionar a ordenação do indivíduo na sociedade.

Nesse sentido, corroboramos mais uma vez com a tese de Patto (1990), a qual considera que a higiene mental teria levado o discurso educacional da primeira metade do século XX a uma redução psicológica dos problemas de aprendizagem. Em Arthur Ramos, a lógica higienista atrelada à Escola Nova reduziu a criança a um mero produto da psique.

A tentativa de Arthur Ramos em casar psicanálise e educação configura-se enquanto uma apropriação ortopédica da teoria freudiana. Trata-se, portanto, de uma prática corretiva que, a partir da análise, “conduzisse as forças inconscientes ao caminho do bem e submetesse o inconsciente ao domínio da razão, que promovesse o represamento moral do inconsciente”, fazendo, enfim, “da psicanálise instrumento de dominação e seleção, dois objetivos certamente alheios à teoria freudiana” (PATTO, 2002, págs.155-156).

Portanto, apesar do avanço que a concepção de “criança problema” representou nas ideias pedagógicas brasileiras e para a história das ciências, ao criticar as teorias racistas que predominavam até então na explicação do fracasso escolar, Ramos atribuiu o problema aos “desajustamentos” do meio familiar e manteve intocada a divisão da sociedade de classes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund. O que significa elaborar o passado. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.

_____. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.

_____. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio Alvares Soares; LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco. (Orgs.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

- AZEVEDO, Fernando de. *A educação na encruzilhada: problemas e discussões*. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. (Org.). *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros*. Conselho Federal de Psicologia: Brasília, DF, 2007.
- DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2006.
- FAILLACE, Vera Lúcia Miranda. *Arquivo Arthur Ramos: inventário analítico*. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca Nacional, 2004.
- GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. *A educação na trajetória intelectual de Arthur Ramos: higiene mental e criança problema (Rio de Janeiro 1934-1949)*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP: UFSCar, 2010.
- MARTINS, Maria Silvinha Cararo. *A parceria família-escola: uma proposta dos higienistas*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR: UEM, 2005.
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira república*. São Paulo, SP: EPU; Rio de Janeiro, RJ: Fundação Nacional de Material Escolar, 1974, 1976 reimpressão.
- NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. São Paulo, SP: EDUSF, 2000.
- PATTO, Maria Helena Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo, SP: T.A. Queiroz, 1990.
- RAMOS, Arthur. *A criança problema*. Rio de Janeiro, RJ: Casa do Estudante do Brasil, 1949.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TEIXEIRA, Anísio. Educação Pública: Administração e desenvolvimento. *Relatório do Diretor Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal, dezembro de 1934*, Rio de Janeiro, DF: Officina Graphica do Departamento de Educação, 1935.
- WANDERBROOCK JUNIOR, Durval; BOARINI, Maria Lucia. Educação higienista, contenção social: a estratégia da Liga Brasileira de Higiene Mental na criação de uma educação sob medida (1914-1945). In: *Jornada do HISTEDBR – História, Sociedade e Educação no Brasil*. (7 : 2000 : Campo Grande, MS). Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/EDUCA%C7%C3O%20HIGIENISTA%20GT1.pdf. Acessado em: 19/03/2014.

ARTIGO ENVIADO EM: 16/09/2015
ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 30/10/2015